

A CONSERVADORA E O PROFESSOR: UM DIÁLOGO DE SIGNIFICAÇÕES

*Regina Cláudia Oliveira da Silva
Ana Maria Leite Lobato*

Introdução

O artigo apresenta dois textos, o primeiro trata de fragmentos biográficos de Nair de Moraes Carvalho, a primeira mulher concursada para a Conservadoria de Museus no primeiro concurso promovido para esse fim pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). O trabalho é de destaque devido à relevância da ação social de seu pioneirismo na conservadoria de museus e no desenvolvimento de seu trabalho durante décadas no Museu Histórico Nacional, escrito pela mestre Regina Cláudia, professora do Colégio Militar de Fortaleza. O segundo texto, escrito por Ana Lobato, mestre em educação e professora do IFPA, trata de fragmentos de história de vida de Washington Cordovil, professor da educação profissional altamente qualificado, que, através da narrativa, expressou o significado de suas experiências como aluno e professor na antiga Escola Técnica Federal do Pará, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, no qual continua na ativa, há quarenta anos contribuindo com a educação profissional.

É na dimensão da história e memória, através da narrativa, que os textos são apresentados em suas bases teórico-metodológicas. A partir da análise compreensiva weberiana, na primeira parte do texto buscamos os sentidos da ação social da conservadora; já na segunda parte, tratamos da singularidade do professor Cordovil em seu contexto, trazendo o aspecto humano da narrativa à luz da compreensão e expli-

cação em Paul Ricoeur. Nesse sentido, as referidas autoras se esforçaram para compreender as personalidades investigadas e suas significativas experiências.

Breves Considerações sobre a Primeira Conservadora de Museus do Brasil

O objetivo deste trabalho não é biografar a vida produtiva de Dona Nair de Moraes Carvalho junto à Museologia e à Conservadoria no Brasil, mesmo porque esse espaço não seria suficiente para enumerar sua importante obra, especialmente no Museu Histórico Nacional. Objetivamos, sobremaneira, elaborar uma breve narrativa compreensiva de como se tornou a primeira mulher concursada para a Conservadoria de Museus no primeiro concurso promovido para esse fim pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), depois de ter ocupado esse mesmo cargo interinamente por quase quatro anos, ou seja, de 1937 a 1940. Queremos destacar seu pioneirismo em diversos momentos de sua inserção na conservadoria de museus e no desenvolvimento de seu trabalho em décadas no MHN.

Na pesquisa dessa individualidade histórica não pretendemos chegar a leis gerais que justifiquem uma unidade rematada, causal e explicativa, da criação e desenvolvimento biográfico de Nair de Moraes Carvalho naquele momento histórico. Partimos da percepção weberiana, no conhecimento não nomológico, percebido como sendo o conhecimento avesso às leis reguladoras da ação voluntária dos sujeitos da história, pois as possíveis regularidades negariam a ação voluntária, em sua essência, bem como os próprios sujeitos da ação social e da história. Segundo Martinho Rodrigues (2009, p.433):

A sistematicidade teórica é típica das ciências nomotéticas. Na ausência de leis falece toda a explicação sistemática, generalizável. A irregularidade que resulta da ação voluntária dos sujeitos, nos limites dos graus de liberdade das circunstâncias, firma a relativa liberdade dos sujeitos da História, o que equivale a negar todos os determinismos. E sem determinismo não há lei. Sem lei não pode haver generalização.

Nair de Moraes Carvalho é de Salvador (BA) e nasceu em 27 de julho de 1914. Muito jovem migrou para o Rio de Janeiro e passou a estudar no *British American School*. Para uma jovem nas primeiras décadas do século XX, Nair teve uma excelente formação escolar, própria da condição de uma camada social mais abastada e com característica peculiar de oferecer uma formação feminina para além das prendas do lar. Matriculou-se no curso de Museus do Museu Histórico Nacional em 1935, tendo colado grau, classificada em primeiro lugar, em dezembro de 1936, mesmo ano em que se formara bibliotecária pela Biblioteca Nacional. No Curso de Museus estudava por paixão, o curso de Biblioteconomia fizera por obrigação e imposição familiar.

Em longa conversa que tivemos com dona Nair, diversas minudências conhecemos sobre seu percurso no MHN. Brevemente, acerca de nosso entendimento sobre história e memória, julgamos válido ressaltar a sua associação indelével.

Ferramenta essencial do laço social, a memória, seja individual ou coletiva, transformou-se, nos últimos anos, em um dos componentes principais de exame dos historiadores do tempo presente: a denominada “história social da memória” procura problematizar a memória por meio da sua inscrição na história. Muito além que um mero objeto da história, a memória constitui-se, dentro desse novo aspecto de análise, uma de suas

“matrizes”. De acordo com Paul Ricoeur, conservar-se, em derradeira instância, a privilegiada guardiã do que “efetivamente ocorreu no tempo”. Afiançando o prosseguimento temporal, a memória, fragmentada e pluralizada, coloca-se próxima da história pela sua “ambição de veracidade”. Atesta-se, enfim, uma associação indelével entre a memória e a história (SILVA, 2013, p. 115).

Dona Nair nos recebeu em sua casa, dois dias após a comemoração dos seus 99 anos. Com voz trêmula e memória extraordinária, mesmo com falhas momentâneas, nos narrou episódios de sua vida que naturalmente se confundem com a história da instituição em que trabalhou.

E o meu irmão, que ele queria que eu fosse bibliotecária, e eu fazia o curso de Biblioteconomia também, de manhã, era de oito ao meio-dia na Biblioteca Nacional, e de uma as cinco era no Museu. O meu irmão só queria a Biblioteca, aí dizia para mim: “que notas você tirou?” Aí eu dizia que nove e dez no Museu.

— Não quero saber do Museu, eu quero saber da Biblioteca! Porque você vai trabalhar, porque tem concurso para bibliotecária e não tem para conservador de museu. Eu quero biblioteca!

— Tirei sete, tirei oito...

Aí meu irmão:

— Eu já disse para você que não adiantam esses dez que você tirou!

Quando eu fui nomeada eu disse para ele:

— Viu? Não precisou pedir para ninguém!

No ano de 1937, Nair fora nomeada para o cargo temporário de conservadora do MHN. O Museu, que era dirigido por Gustavo Barroso desde a sua fundação, em 1922, abrigava o Curso de Museus e também a Inspeção de Monumentos Nacionais. Ex-aluna do Curso de Museus, então conservadora interina, Nair logo demonstrou sua inventividade e capacidade

de tomar a seu comando uma série de atividades. Do Curso de Museus, por exemplo, foi coordenadora por 23 anos. Também foi a primeira mulher a ocupar o cargo de diretora do MHN, sempre interinamente.

O Luís Simões Lopes era presidente do DASP, não é? E não fazia o concurso para Conservador de Museu porque não tinha examinador para examinar no concurso. O funcionário do Museu, professor, não podia. [...] E o Dr. Barroso ficava com os funcionários antigos que vinham de outras repartições, mas que não eram museólogos. E os museólogos não eram nomeados. E o Dr. Barroso não tinha funcionários. Aí foi ao Getúlio (Getúlio Vargas, presidente do Brasil) e pediu: "olha, eu tenho alunos se formando, mas eles não trabalham porque o Luís não faz o concurso para Conservador de Museu". Aí o Getúlio disse que iria falar com o Luisinho para ele dar um jeito. Aí falou com Luís Simões Lopes e o jeito que ele fez foi o seguinte: os dois primeiros de cada turma seriam nomeados Conservadores de Museus até o concurso. Então eu tinha sido primeira da minha turma e o Luiz Marques Poliano (turma de 1933) tinha sido o primeiro da turma dele, aí nomeou os dois.

Sua turma fora a quarta do Curso de Museus, diplomada em dezembro de 1936. Nair destacara-se em primeiro lugar na turma. Assim, pode ocupar o cargo de conservadora no MHN. Nesse ínterim, traduziu para a Inspeção de Monumentos Nacionais, instituição vinculada ao MHN, a Carta de Atenas de 1931, primeira versão para a língua portuguesa desse documento denominado *Conclusões da Conferência de Atenas sobre Conservação e Restauração dos Monumentos Históricos* de 14 de dezembro de 1937. Passaria a fazer parte do Quadro Permanente do Ministério da Educação e da Saúde com exercício no MHN a partir de 1940, depois que foi aprovada no concurso para ocupar o cargo definitivamente.

Fui nomeada, fiz concurso em 1940, fui nomeada em 1937 e em 1940 eu fiz concurso e passei no primeiro concurso de Conservador de Museu.

Perguntada sobre que monografia defendeu para aprovação no concurso, disse:

Defendi um trabalho sobre armaria, porque justamente quando eu fui trabalhar no Museu, o Dr. Barroso estava organizando a sala de Armaria, e eu trabalhei com ele. Aí é que eu fiz Armaria, porque eu trabalhei com ele e naquelas armas todas se classificando tudo com ele, lógico que eu tinha que fazer a minha monografia sobre Armaria, não é?

Assim, o Brasil passou a ter a presença do profissional Conservador de Museu, por meio de concurso, no qual foi aprovada Nair de Moraes Carvalho.

Sua monografia sobre Armaria merece um estudo à parte. Nesse momento, gostaríamos de elencar algumas características desse pioneiro trabalho. “As armas são documentos imprescindíveis ao estudo da história”, adverte a autora logo ao iniciar seus escritos. Sua ideia é o estudo das armas enquanto fontes históricas para a compreensão do momento histórico de sua existência e seu uso, facilitando o trabalho do historiador e do conservador, uma vez que defende que para um museu da categoria do MHN, exemplifica, é parte fundamental uma seção de Armaria e seu estudo.

O trabalho de Nair Moraes de Carvalho divide-se em “estudo das armas em geral” e “estudo das armas em relação à história do Brasil em particular”. Assim, estabelece um esquema explicativo a partir das aulas de Gustavo Barroso na cadeira de Técnicas de Museus em que analisa as armas como defensivas e ofensivas. As armas defensivas subdividem-se em “de mão” (brancas – graúdas e miúdas; de choque; de

haste; de arremesso e de fogo – graúdas, médias e miúdas) e “máquinas de guerra”. As armas ofensivas são subdivididas em “de mão”, “do corpo” e “do cavalo”. A partir dessa categorização, Nair de Moraes Carvalho enumera em pormenores as características de cada uma dessas armas, apontando suas subdivisões e fazendo uma recomposição histórica de sua origem, sua utilização e sua evolução.

Washington Cordovil: Fragmentos de história de vida, uma Experiência num Contexto Paraense no Tempo dos Governos Militares¹

Os fragmentos de história de vida do professor Cordovil aqui apresentados não têm a centralidade de dar voz às minorias, mas não negamos a relevância da missão democrática da pesquisa, o que é de interesse aqui, é o pesquisador reconhecer a importância de ouvir outros atores históricos que não sejam àqueles tão destacados oficialmente. Assim, deve reconhecer a necessidade de pesquisar sobre a instituição em que trabalha; os atores que fizeram a história desta, “do órgão que financia sua pesquisa; desde que esteja consciente disso e das implicações de sua decisão” (PINSKY, 2008, p. 159).

Nessa perspectiva, ganha centralidade a história de vida do professor Cordovil, em particular, os fragmentos apresentados neste estudo. Washington Cordovil é paraense, nasceu em 21 de maio de 1952 no município de Gurupá no Estado do Pará. Casado com a senhora Jacira Bastos Rocha, tem um filho chamado Fábio Alexandre Bastos Rocha, formado em Ciência da Computação, e uma filha Anna Márcia Rocha Ro-

¹ A entrevista narrativa com o professor Washington Cordovil aconteceu no dia 29 de junho de 2011, no horário das 14h30 às 16 horas na sala da Coordenação de Mecânica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (LOBATO, 2012).

drigues, formada em Administração de Empresas. Sobre seus pais disse o seguinte:

O meu pai se chamava Joaquim Rocha Filho, ele era paraense, hoje já é falecido. Ele era médico da Marinha, chegou ao posto de Mar e Guerra. A minha mãe foi enfermeira Ana Nery, seu nome era Graziela Cordovil Rocha. Logicamente se casaram, e depois separaram, quando eu tinha 15 dias de nascido. Nasci em 1952, depois, fui crido com a minha mãe, até 1967 em Macapá. Depois viajei para Belém, com a bolsa da SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia em convênio com o Território Federal do Amapá. Durante os três anos do curso, com mais o estágio, praticamente fixei domicílio em Belém e morava praticamente sozinho (LOBATO, 2012, p.89).

A narrativa de Cordovil foi a âncora deste texto, pois sua história foi contada com suas próprias palavras. “No entanto, não é pela quantidade de verdades parciais acumuladas que se faz a produção do conhecimento, mas por transformações qualitativas da nossa visão da história.” Esse é um dos aspectos valorizado neste estudo (FREITAS, 2002, p.17).

A história do professor Cordovil em Belém do Pará é retomada a partir de seu retorno para estudar na Escola Técnica Federal do Pará por volta de 1968. Nessa época, os militares já estavam no comando do governo brasileiro. No que se refere a educação, a defesa da escola pública e o ensino gratuito que foram bandeiras de luta de educadores como Pascoal Leme, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira dentre outros, assumiu grandes proporções e teve uma pausa com o golpe de Estado em 1964; a partir de então o governo militar assume a responsabilidade sobre a educação em outra perspectiva.

Nesse momento, as políticas de desenvolvimento do Governo Federal se voltavam também para a região Norte. A

intervenção entre 1965 e 1967 implementada pelo Estado foi através das ações militares na região, medidas que ficaram conhecidas como Operação Amazônia.² A integração, e o desenvolvimento da Amazônia brasileira aconteceram no estilo de uma operação militar, no sentido de ocupação da área do Pará e integrá-la ao desenvolvimento do país, envolvendo questões geopolíticas ligadas à segurança interna e ao controle das influências estrangeiras (KOHLHEPP, 1981).

Nesse período, por volta de 1967 ocorreram as construções de estradas, como a rodovia Belém-Brasília, a transamazônica (com 5.600 Km), e estas foram um marco nesse processo de mudanças, juntamente com a instalação da Zona Franca de Manaus SUFRAMA, projeto econômico destinado a criar um centro de montagem e comercialização de produtos eletrônicos na região da Amazônia Ocidental. Diante desse quadro, houve a necessidade de profissionais para atender ao projeto desenvolvimentista que se propunha para a região, que passou a requerer um perfil de trabalhador para atender à indústria em Manaus, juntamente com as empresas que se instalavam na Amazônia naquele momento (MONTEIRO e COELHO, 2004).

Na Amazônia, nesse período, uma das instituições que atendia à formação profissional foi a Escola Industrial de Belém, que ainda trabalhava com uma educação profissional pautada em ofícios, como tarefas manuais e reservada às camadas pobres da população. Mediante a realidade brasileira da época e dos projetos de desenvolvimento para a Amazônia em pauta, a qualificação para o trabalho que a instituição citada oferecia não atendia às reais necessidades locais e se distanciavam dos interesses econômicos propostos no Plano Nacional de Desenvolvimento para a região do país.

²Uma coletânea com o conjunto de iniciativas dos governos militares convertidas em leis (MONTEIRO e COELHO (2004).

Diante desse cenário, a instituição passou a se adequar às demandas que surgiram nesse período. A partir de 1966 a instituição passou a se denominar Escola Industrial Federal do Pará (EIFPA). No mesmo ano, implantou os cursos técnicos em nível de 2º ciclo (depois 2º grau), que foram Edificações e Estradas. Logo depois, em 1967, foram criados os cursos de Agrimensura e Eletromecânica. No ano seguinte em 1968, o professor Cordovil que era um jovem estudante veio para Belém estudar na EIFPA, onde ingressou no curso de eletromecânica.

De acordo com o professor Washington Cordovil estudou em escola pública, sua experiência teve início em Macapá, na Escola Paroquial Padre Dário, depois estudou no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Então, se mudou para o lado, na Escola Industrial de Macapá (1964), a qual passou a se denominar Ginásio de Macapá. Esta escola trabalhava com ensino profissionalizante e lá Washington concluiu o ginásio em 1967. Na época, o governador do Amapá era o general Ivanhoé Gonçalves Martins.

Washington Cordovil relatou que sua vinda para Belém foi facilitada devido ao seguinte fato:

O que facilitou a minha vinda para Belém foi uma visita do presidente Castelo Branco a Macapá. Na ocasião, fiz um apelo ao então presidente: solicitei que fosse concluída a obra da hidroelétrica do Paredão. Porque a verba que era repassada, terminava e a obra não terminava. Com isso foi tirado uma fotografia minha junto ao presidente e essa foto foi para o Palácio Setentrião do Governo e o governador Ivanhoé viu essa foto e isso foi meu passaporte, pois o governador apoiou a minha vinda e dos meus colegas para fazer o curso técnico.

De acordo com Washington Cordovil, quando veio para Belém foi na época da antiga Escola Industrial, situada na rua Dom Romualdo de Seixas; morava na escola mesmo, embaixo

da arquibancada da quadra de esportes. Desse modo, a história cresce, a memória salva e guarda um passado que poderia ter se perdido, assim: “A história oral [...], pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p. 25). Nessa perspectiva continuou a narrativa, o professor contou que no ano que chegou nessa instituição, no segundo semestre mudou junto com a escola para a avenida Almirante Barroso sua nova sede. Onde assistiu a cerimônia de inauguração de quatro pavilhões no dia 12 de agosto de 1968, que foi o grande marco da passagem da Escola Industrial Federal do Pará para denominação de Escola Técnica Federal do Pará.³

Segundo Washington Cordovil, quando veio para Belém em 1968 estava já com a bolsa da SUDAM para estudar na referida instituição. Entretanto, Cordovil buscou outra formação, como seu pai era médico e sua mãe enfermeira, de alguma forma ele também se sentia atraído pelo cheiro do éter. Então, quando estava cursando no 2º ano de eletromecânica na ETFPA, apareceu uma oportunidade de fazer um curso nas Centrais Telefônicas de Belém do Pará. Naquela época, seriam implantadas as torres de repetição da Embratel a cada cem quilômetros e o técnico que fosse para lá tinha a necessidade de saber os primeiros socorros.

Desta forma, em 1969 buscou a formação em primeiros socorros. A Companhia de Telefone do Município de Belém/

³ Com uma solenidade que teve início com o hasteamento do Pavilhão Nacional, com os alunos da escola cantando o Hino Nacional Brasileiro, acompanhados da banda, também composta de alunos do próprio estabelecimento. Em seguida, o senhor Tarso Dutra, ministro da Educação, descerrou a fita da placa da inauguração da escola e da pedra fundamental do futuro prédio da administração. Posteriormente, a diretora executiva da Escola Técnica Federal do Pará, professora Yolanda Ferreira Pinto, leu a ata de inauguração, que foi assinada pelas autoridades presentes. Nessa ocasião, a pedra fundamental do prédio da administração foi colocada pelo diretor do Ensino Industrial, professor Jorge Alberto Furtado, que foi trazida pelo arcebispo D. Alberto Ramos. *Jornal Província do Pará*. 14/08/1968, 1ª Caderno, p. 7.

COMTEBEL alugou uma sala (ou tinha permissão para usá-la) no Colégio Deodoro de Mendonça; lá se estudava a teoria, tudo era muito lindo. Sendo que a prática seria no pronto-socorro municipal; eram oito alunos, indo de dois em dois para esse local. Washington Cordovil foi junto a Miguel Lopes às sete da manhã para o pronto-socorro, quando deparou-se com um pessoal que tinha os dedos amputados e muito sangue. Naquele momento, constatou que essa não era a área em que gostaria de atuar. Assim se decidiu e passou a gostar mais da área tecnológica.

Em todo esse período, o jovem Cordovil continuou morando na instituição, inclusive às refeições ele fazia na Escola Lauro Sodré devido a solicitação da diretora da ETFPA, a professora Yolanda Ferreira Pinto; e, movido pela emoção, disse: “essa escola já foi a minha casa, já morei nela, sai daqui empregado;” esse momento foi significativo, se percebe o significado do que estava sendo narrado, “é a narrativa que torna à experiência humana no tempo, o tempo se torna humano através da narrativa”, esse foi outro aspecto vivenciado na entrevista, e disse ainda “no meu 2º ano a ERICSSON já me pagava. Eu tinha uma bolsa do território e mais esse salário”. Cordovil não foi monitor na ETFPA, formou-se como técnico em Eletromecânica, foi aluno do curso de 1968 a 1970; fez estágio uma parte na CELPA, e outra parte na montagem da Companhia Telefônica de Belém/COMTEBEL (RICOEUR, 2010, p.XI).

Depois de formado em técnico, foi para São Paulo concluir o curso das Centrais Telefônicas com duração de três anos que havia começado em 1969, através de um convênio entre o Ministério da Educação, e a Ericsson do Brasil (que estava fazendo mudanças telefônicas na região). Voltou em 1971 e no mesmo ano buscou a formação superior, foi aprovado

pela primeira vez no vestibular pela Universidade Federal do Pará, e disse:

fiz meu primeiro vestibular, não se fazia para o curso, mas sim para área, optei pela área de exatas, eu me classifiquei em engenharia mecânica e para me manter tive que dar aula em cursinho de vestibular, que foi minha melhor escola como professor, os cursinhos de vestibular.

Segundo Washington Cordovil, quando estava professor de cursinho, foi uma fase muito boa:

Brincando com seus alunos, dizia que ia fazer o vestibular, e em 1972 passou em engenharia elétrica, em 1973 em Matemática. Depois fez Engenharia Naval, Licenciatura em Disciplinas Especializadas em Mecânica Técnica, Resistência de Materiais e Produção Mecânica e Gestão de Transporte. Em 1975 houve uma revisão no regimento interno da Universidade e proibiram até hoje; você só pode fazer um curso.

Por volta de 1973, passou no concurso no CIABA, lá trabalhava juntamente com o professor João Damasceno de Aquino, o qual já havia sido seu professor na Escola Técnica, e a convite deste no mesmo ano, veio trabalhar na instituição como professor colaborador. Após formado, trabalhou fora da instituição; e retornou em 1973 como professor, onde permaneceu até o momento com 40 anos de contribuição ao ensino profissional. É um bom professor e um profissional bem relacionado, trabalhou em empresas que o possibilitam viajar e conhecer a formação técnica de ponta de vários países, como a França e a Inglaterra na década de 1970. Segundo ele, foi também diretor da Empresa de Navegação da Amazônia/ENASA – hoje não existe mais, mas foi a maior empresa fluvial de navegação do mundo, e essa experiência somou ao seu repertório na área tecnológica, e contribuiu bastante na sua

atuação como professor na educação profissional no CIABA e na Escola Técnica atual IFPA.

Considerações Finais

Nos últimos anos verificamos que os estudos biográficos reconquistaram um lugar de importância na produção historiográfica, instigados, principalmente, pela exaustão dos arquétipos totalizantes de explicação histórica e pela retomada das ponderações a propósito da ação individual dos sujeitos na história. Reconhecemos que, embora vejamos um avanço da força dessas novas produções, as discussões teóricas a respeito da biografia histórica, mesmo não tão incipientes, têm um longo caminho a perseguir.

Nesse artigo nos aventuramos em dar uma pequena contribuição, mostrando a importância de dois personagens ainda pouco conhecidos, mas que, nas suas áreas de atuação, tiveram papéis extraordinários e contribuíram para a história da educação brasileira, deixando um legado digno de registro e conhecimento.

Roger Chartier, interpretando as dúvidas que arrastam o ofício do historiador e os percursos expostos com o ceticismo ao marxismo e ao estruturalismo, enfim, à grande narrativa de caráter teórico, destaca a guinada epistemológica rumo ao indivíduo, ao sujeito da ação social, ou, nos casos, da ação educacional, entendendo educação em seu sentido mais amplo possível. Diz Chartier:

O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades: as parentelas, as famílias e os indivíduos

[...] o olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações inventivas, das condutas forçadas para as ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso à informação (CHARTIER, 1994, p.98).

Poderíamos deliberar que as questões que compartilhamos neste trabalho sobre os dois personagens aludidos como o presságio de uma inquietação motivada pelas pesquisas de cunho biográfico. Essas questões poriam em contratempo a possibilidade de restaurarmos em sua “totalidade” a vida de um sujeito e a confiança de que uma trajetória humana pode estar seguramente entremeada aos fenômenos sociais ou mesmo que tais fenômenos tenham o nítido poder de estremar e restringir a ação humana. Por intermédio delas, impetra-se a expectativa de um devir histórico aberto, em permanente transformação e distinto por dinâmicas e organismos que promovem a interatividade. É também possível mostrar a evidência das dúvidas e irregularidades que prevalecem em toda relação social, na qual os atores não têm em mãos guias normativos com capacidade de antever ou circunscrever sem ambivalências as implicações de seus atos, haja vista que nenhum princípio é assaz organizado para suprimir todas as possibilidades de seleção, explicação, manipulação e transação das regras sociais.

Enfim, as pesquisas biográficas proporcionam a possibilidade de um redimensionamento de múltiplas problemáticas referentes à escrita da História e às relações sociais. Mostram que as condições de desigualdade entre os indivíduos limitam o campo de possibilidades e de escolhas, e continuamente permitem margens de manobra, por meio das quais os indivíduos podem se mover socialmente e gerar alterações, ainda que acanhadas, em seu meio. Uma escrita biográfica, mesmo que

numa abordagem mínima como as que fizemos nesse artigo, revelam-se um lócus excepcional, não visando uma universalidade, mas construindo uma valoração da ação social dos sujeitos, dilatando nossa apreensão do passado sem interpretá-lo como uma unidade instituída, coesiva e lógica, contudo como um campo de conflitos e de edificação de concepções de vida.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Nair Moraes de. *Armaria – Sobretudo Relativa ao Brasil. 44 páginas datilografadas, algumas com anotações à mão feitas no verso*. 1940. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia.

_____. *Entrevista a Regina Cláudia O. da Silva*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 2013.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.13, v.7, p.97-113, 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: USP, 2002.

Jornal A Província do Pará. 14/08/1968, 1^o Caderno.

LOBATO, Ana Maria Leite Lobato. *Re-contando a história da Escola Técnica Federal do Pará: a educação profissional em marcha de 1967 a 1979*. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. Teorias, fontes e caminhos da educação e da cultura. In: *Escolas e Culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais*. CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al (Org.). Fortaleza: Edições UFC, 2009.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu, COELHO, Maria Célia Nunes. *As políticas federais e reconfigurações espaciais na*



Amazônia. Novos Cadernos NAEA, v. 7, n.1, p. 91-122, jun. 2004. p.53-73.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

SÁ, Ivan C. de; SIQUEIRA, Graciele K. *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: Alunos, Graduandos e Atuação Profissional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007.

KOHLHEPP, Gerd. *Estratégias de desenvolvimento regional na Amazônia Brasileira*. Finisterra, XVI, 31, Lisboa, 1981.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Tempo e narrativa – Tomo I*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. XI.

SILVA, Regina Cláudia Oliveira da. Batismo de Fogo: Memórias de um aluno do CMC que serviu à FEB. In: MARTINHO RODRIGUES, Rui. Et al. (org.). *História, memória e educação*. Fortaleza: EDUECE, 2013.

THOMPSON, E. Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.25.